

PREÂMBULO

CIDADES ATRAENTES E INTELIGENTES

Fala-se, cada vez mais, em cidades inteligentes (“Smart cities”), cidades do presente e do futuro. Inúmeros congressos, concorridos fóruns internacionais discutindo o tema. A conexão entre o cidadão e os serviços básicos urbanos. A implantação de tecnologias sustentáveis, de inclusão urbana, o compartilhamento de soluções, eficiência de gestores e dos serviços públicos.

O conceito de cidade inteligente envolve igualmente laços culturais, como o incentivo às artes, políticas de inclusão, conectividade, hospitalidade, compartilhamento entre as pessoas. Áreas de teatro, jardins, lazer, biblioteca, cinemas, museus, espaços científicos, shoppings, exposições, ateliês, o desenvolvimento integrado, qualidade de vida – enfim, cidades atraentes!

O contexto de cidade inteligente envolve, ademais, o apoio, estímulo e incremento à economia criativa, ou seja, a transformação da cultura local em riqueza econômica (artesanato, agroindústria, gastronomia, turismo, folclore etc.).

Aparentemente, uma utopia, em particular para padrões brasileiros, desprovidos de serviços essenciais e onde os recursos públicos são simplesmente desvirtuados, saqueados, ou a serviço das elites impatrióticas, além de administrações píffias, descompromissadas, sem planejamentos, sem vocação cívica. Para nós, moradores de pequenas e médias cidades, há como nos integrarmos a projeto(s) dessa envergadura? A resposta é SIM. No mínimo, temos como dar os primeiros e fundamentais passos. Utilização de energia limpa (solar, eólica, biomassa); tratamento seletivo do lixo: limpeza urbana; arborização/ajardinamentos. As pessoas, por sua vez, passarão, cada vez mais, a utilizarem o serviço autônomo, o free lancer, mormente pelo avanço tecnológico das redes sociais e de integração informatizada.

Há, todavia, a necessidade de reciclagem de nossos representantes políticos – prefeitos, vereadores, deputados – e igualmente de nossos empreendedores, que detenham uma visão social ampliada, um programa ou planejamento urbano sustentável. Temas como inclusão urbana, educação agregadora (foco total na educação inclusiva e presencial até os 18 anos), espaços e investimentos maciços em ensino básico, fundamental e profissionalizante.

Cidades inteligentes, cidades atraentes. Um conceito que ganha terreno, força em todo o mundo. Há um cansaço, senão uma indignação, por parte de milhões de pessoas com a corrupção, a ganância econômica, a degradação ambiental, as rixas políticas, autoritarismo e obscurantismo religioso. Uma nova ordem, baseada na eficiência, na qualidade, em valores solidários, humanistas.

AO PÉ DA FOGUEIRA OS CUSTOS DE UMA “DEMISSÃO”

Caminhoneiro autônomo, transportava, frequentemente, minério de nossa região até siderúrgicas de Pedro Leopoldo, Ouro Preto e adjacências. No retorno, caminhão vazio, havendo frete, passava por Belo Horizonte ou outra cidade no entorno da Capital ou ao longo do itinerário de volta. Muitos comerciantes e fazendeiros de nossa região sempre tinham mercadorias, insumos a serem transportados. Dessa forma, atendia-se o dono da mercadoria e ganhava-se, com o frete-retorno, um reforço de caixa, uns trocados.

Traria, dessa vez, material pesado – ferragens, trefilados, de vários tamanhos e pesos – para uma firma de nosso meio. O comerciante, adquirente dos produtos, deslocara-se, de ônibus, até Belo Horizonte e retornaria no caminhão, junto à carga. Assim tratado entre eles. Estaciona, beirando meio dia, o veículo no depósito, um imenso galpão, da empresa vendedora, na periferia de Belo Horizonte. Mercadoria à beça. Vários itens que demandavam separação, contagem, pesagem, embalagem, daí “enrolação”, “embromação” – lá se vão minutos, horas... O empresário ali junto, conversando com os atendentes, comentários aqui e ali com os carregadores, ciscando, garganteando...

Motorista impaciente. Dá seus repentes. Queixa-se da demora. Ouve, então, o dono da mercadoria se fazer de galo, dizer aos funcionários do galpão:

- A hora que chegar lá na minha firma, demito este motorista! Sem choro, nem vela... Na bucha...

Até que, enfim, tarde já se abrindo, carga ajustada, pesada, carroceria repleta, eixos e pneus rangendo, dão partida do local. Trânsito, como de sempre, congestionado, sufocante. Tinham se deslocado uns três, quatro quilômetros na Via Expressa, quando o dono da mercadoria leva a mão à cabeça, profere uma inopinada ordem.

- Volte aí! Esqueci a nota fiscal lá na firma...

- Eu?! Você tá louco?! Retornar aqui com uma carga dessas, caminhão rangendo de peso, o trânsito “embananado” dessa forma...

E complementa: - Vou estacionar naquele posto ali. Você pegue um táxi...

Assim foi feito, sem antes uns pitis, faniquitos por parte do empresário, que, aos safanões, desce do veículo. Passados uns quarenta, cinquenta minutos, ei-lo de volta, documento fiscal na mão.

Dão seqüência à viagem, chegando ao destino à tardinha. Carga descarregada, preço do frete combinado por quilometragem, o comerciante adentra o escritório, de onde sai com um cheque. Dirige-se ao motorista. – Aqui seu pagamento, conforme ajustado.

O caminhoneiro observa o valor registrado no cheque. Informa, então, ao empresário, estupefato, pego no contrapé:

- Está errado... Você disse, bazofiou para os funcionários lá do depósito que, tão logo chegasse na firma, me mandaria embora. Portanto, você pode acrescentar aí todos os meus direitos rescisórios, como manda o figurino do governo: aviso prévio, férias e 13º proporcionais, FGTS, insalubridade, horas extras, danos morais...



ADIVINHAS

- 1- O que é o que é? Que quando anda deixa um rasto e parado deixa três.
- 2- O que é o que é? Tem um palmo de pescoço, tem barriga e não tem osso?
- 3- Qual é o melhor companheiro e o pior inimigo?

Respostas: 1- carro de mão; 2- garrata; 3- fogo

Provérbios e Adágios

- O preguiçoso, à tarde, torna-se viçoso;
- Nem tudo se vê, nem tudo se ouve, nem tudo se fala;
- A conselho amigo, não feches o postigo;
- Há três coisas na vida que nunca voltam atrás: a flecha lançada, a palavra pronunciada e a oportunidade perdida;

Para refletir:

- Mesmo que seja um sonho, mesmo que seja uma ilusão, se existe dentro de você, é porque é para você. *(Zibia Gasparetto);*
- Temos tempo suficiente, se o usarmos direito. *(Johann Wolfgang von Goethe);*
- A verdadeira arte da memória é a arte da atenção. *(Samuel Johnson);*
- A felicidade é uma atitude mental adquirida. *(Walter Doyle);*
- A inteligência é caracterizada por uma incompreensão natural da vida. *(Henri Louis);*
- Nada é tão constante como a mudança. *(Ludwid Borne);*
- A linguagem é a roupagem do pensamento. *(Samuel Jaohnson);*
- Felicidade é ter o que fazer. *(Aristóteles);*

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Patricia Dayany Carvalho

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Patrícia Dayany Carvalho

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



PIADA OU ESCÁRNIQ?

Eis que a propriedade rural é ocupada, sem mais nem menos, por dezenas de caixas de abelha, de 30 a 40 só à primeira vista. Sem nenhuma satisfação ao dono, alguém adentra o imóvel, sabe-se lá a que horas e distribui colmeias pelas matas, pastos, capoeiras, chegando às proximidades dos currais, trazendo desassossego e danos gerais.

As abelhas, ali instaladas, se alvoroçam ante quaisquer ruídos – trânsito de trabalhadores da fazenda, movimentação de gado pelas pastagens, uma ensiladeira ou um trator ligados, um veículo que se aproxima ou atravessa a estrada. Pessoas e animais passam a ser ferroados, agulhoados pelos insetos em fúria. E, enfim, uma vaca aparece morta, com resquícios de ter sido picada por abelhas.

O proprietário busca localizar quem ali, arbitrariamente, montou as colmeias. Informa-se de vizinhos, procura apicultores na cidade, para tal gastando horas de seu valioso tempo, mormente em tempos de aração e plantio de lavouras, reforma de pastagens. Inutilmente. É informado que o autor da invasão seria um apicultor de Carmo da Mata, visto eventualmente, em uma camionete, recolhendo mel e própolis por propriedades da região.

Recorre à Polícia, onde faz um BO, sendo orientado a procurar a Polícia Florestal, órgãos ambientais ou ainda o Corpo de Bombeiros.

O fato, meus amigos, é que o dono da “arte”, o invasor está, provavelmente, bem perto, nessas nossas beiradas, escondendo-se sob o alibi de que o “responsável é alguém de Carmo da Mata”, quem sabe do Caixa Prego, do Brasil Piada, do Brasil escárnio... E o fazendeiro lesado, como tantos outros que vivem situação similar, impotentes, não tem, na prática, a quem recorrer ou não sabem o que fazer, em situação tão esdrúxula... Já não basta não terem estradas, assistência técnica, nenhum apoio para comercialização e por aí afora – e agora até abelhas furiosas...

PARA ONDE VAI O AMOR QUE SE PERDE?

Um ano antes de sua morte, Franz Kafka viveu uma experiência singular. Passeando pelo parque de Steglitz, em Berlim, encontrou uma menina chorando copiosamente porque havia perdido sua boneca.

Kafka ofereceu-lhe ajuda para procurar pela boneca e combinou um encontro, no dia seguinte, no mesmo lugar.

Incapaz de encontrar a boneca, ele escreveu uma carta como se fosse a boneca e leu para a garotinha quando se encontraram. “Por favor, não chore por mim, parti numa longa viagem para ver o mundo...”

Esta foi a primeira de muitas cartas que Kafka, durante três semanas, entregou pontualmente à menina, narrando as peripécias da boneca em todos os cantos do mundo: Londres, Paris, Madagascar... Tudo para que a menina esquecesse a grande tristeza!

No fim, Kafka presenteou a menina com uma outra boneca. Ela era obviamente diferente da boneca original. Uma carta anexa explicava: “Minhas viagens me transformaram muito...”

Anos depois, a garota agora crescida encontrou uma carta enfiada numa abertura escondida da querida boneca substituta. Em resumo, o bilhete dizia: “Tudo que você ama, você eventualmente perderá, mas, no fim, o amor retornará em uma forma diferente”.

REVISÃO/CORREÇÕES

Boletim nº CXV, abril/2017, p. 7, texto “Pequena análise político econômica da época da Conjuração Mineira”, leia-se “O declínio da mineração, já em fins do século XVIII, provocado pela exaustão das jazidas, levaria a uma delicada crise social e à reestruturação econômica de Minas Gerais”

PARÓQUIA

Nossa Senhora das Mercês



Por volta de 1897, Dom Silvério Gomes Pimenta, bispo de Mariana, em visita pastoral à região, veio à Capelinha, conhecer o local, que tantos admiravam, e abençoar os fiéis daquela pequena comunidade. Ao atravessar o córrego dos Potreiros, seu cavalo parou para saciar a sede, dando tempo ao bispo para admirar a beleza da paisagem e elogiar a limpidez da água, dizendo-a cristalina e pura. Ao chegar ao povoado, um pequeno e simples aglomerado de casas, como era 24 de setembro, dia consagrado a Nossa Senhora das Mercês, a Virgem de sua devoção, Dom Silvério colocou aquele povo sob sua proteção, sugerindo nome para o povoado: “a terra de Nossa Senhora das Mercês de Água Limpa”.

Daí, onde já existia um antigo Cruzeiro, deu lugar à primeira Capela de Nossa Senhora das Mercês que foi construída sob as bênçãos de Dom Silvério tendo como construtor, Padre Júlio José Ferreira. Sua inauguração se deu em 24 de setembro de 1898.

A cultura da região é muito rica em tradições e histórias. Essas terras fazem parte do circuito turístico da Estrada Real, pois devido à proximidade com o Rio das Mortes, foram caminho de referência dos bandeirantes que vinham do litoral e adentravam os sertões brasileiros do centro-oeste, para depois voltarem ao Rio de Janeiro, sede da colônia portuguesa.

Após a instalação da Diocese de Oliveira (1942), seu primeiro bispo percorreu todo o território eclesiástico a fim de conhecer a população. Após visita à Paróquia de São Tiago cuja capela filial de Nossa Senhora das Mercês pertencia, constatou que a comunidade tinha condições de se tornar uma paróquia. Via em sua população pessoas de fé e que buscavam na oração um alimento espiritual. Diante disso, verificou que os moradores poderiam ter a presença de um sacerdote para celebrar diariamente a santa missa e ministrar sacramentos.

Como frutos da visita à Vila de Água Limpa e atendendo a petição dos moradores, Dom José Medeiros Leite assinou em 6 de maio de 1947, na Cúria Diocesana, uma provisão constituindo a comissão apresentada pelos Vigários de São Tiago e Bom Sucesso, Revmos. Padres: José Duque Siqueira e Inácio Campos, a qual seria encarregada dos trabalhos de erigir canonicamente a Capela de Nossa Senhora das Mercês, à categoria de Paróquia. Assim foram indicados os senhores: Olímpio José de Castro, Presidente; José Machado da Silveira, Vice-Presidente; José Leite Serpa, Secretário; Obejar José de Castro, Tesoureiro.

Em 12 de maio de 1947, realizou-se a primeira reunião, na qual se tratou da Organização de uma Bolsa Paroquial, para as Obras das Vocações Sacerdotais, como requisito à exigência do Sr. Bispo para a criação da nova Paróquia; no valor de Cr\$ 24.000,00, essa quantia deveria ser entregue ao bispo pela própria Comissão.

Foi feito um apelo à comissão e ao povo em geral, para que a referida importância fosse adquirida por meio de donativos e empréstimos, com juros módicos. Tudo foi adquirido com o máximo de boa vontade, ficando marcado o dia seguinte, 13 de maio, para que a Comissão entregasse a importância ao Sr. Bispo, como foi feito.

A Paróquia de Mercês de Água Limpa foi criada por S. Exa. Dom José de Medeiros Leite, em 1947, pelo Decreto Nº. 04, assinado na data de 25 de maio de 1947. O referido decreto desmembrou territórios das Paróquias de São Tiago e Bom Sucesso, estabelecendo limites com a Arquidiocese de Mariana, pelas Paróquias de Conceição da Barra de Minas (Cassiterita); Nazareno e Ibituruna pelos limites da Diocese; com as Paróquias de Bom Sucesso e São Tiago, das quais se desmembrou.

Deu-se no dia 25 de maio de 1947, a nomeação do 1º Vigário da Paróquia, o Revmo. Padre Inácio Campos, o qual tomou posse no dia

08 de junho do mesmo ano. O ato foi feito e assinado com as testemunhas: Francisco Ribeiro de Carvalho e Olímpio José de Castro.

Por ocasião das festas da padroeira, Nossa Senhora das Mercês, em setembro de 1947, S. Exa. Revma., como criador da nova paróquia, recebeu carinhosa manifestação popular, a qual exprimia os sentimentos do povo, através do Dr. José Lopes Ribeiro, advogado de Bom Sucesso.

Em 25 de abril de 1948, recebeu a provisão e tomou posse como novo vigário da Paróquia, o Revmo. Padre Francisco Eloi de Oliveira, Vigário Cooperador de São Tiago, com as obrigações e deveres impostos pelo Direito Canônico, com os direitos e deveres de Pai e Guia Espiritual de seu povo.

Dom José Medeiros Leite tinha grande apreço pela Paróquia Nossa Senhora das Mercês. Dizia que esta era a menina de seus olhos. Visitou por diversas vezes esta comunidade e por ela tinha um carinho todo especial. Certa vez dissera ao Monsenhor Elói que se cogitasse a mudança de topônimo da vila por um nome mais reduzido, que esse deveria ser “Mercês de Minas”.

Mais um ganho para a população foi a publicação da Lei Mineira Nº. 1.039 de 12 de dezembro de 1953 (que disciplinou a divisão do território do Estado) e elevou a Vila de Água Limpa à categoria de Distrito passando a denominar-se Mercês de Água Limpa, destacando-se com seu próprio território, mas vinculado ao município de São Tiago. Embora passados bons anos de criação do Distrito de Mercês de Água Limpa sua instalação só aconteceu em 29 de abril de 1962.

Desde a criação da Paróquia até os dias atuais, aí estiveram exercendo o ministério sacerdotal grandes sacerdotes e pregadores da Palavra. Segue a relação dos Padres e as datas em que estiveram à frente da paróquia: Padre Inácio Campos 1947-1948, Monsenhor Francisco Eloi de Oliveira 1948-1999, Padre Alexandre Pereira da Silva 1999, Padre Frei Adones Miranda Damasceno, ODM 2000-2001, Frades Mercetários: Osmar Alves de Negreiros, José Hermida Perez e Elísio Brás de Jesus 2001-2002, Padre Lúcio Carlos Vieira 2003, Padre Roberto Carlos de Almeida 2003-2009, Padre Pedro Cícero Carapina 2009-2017, Padre José de Souza Carvalho 2017.

COMUNIDADES DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS

Nossa Senhora das Mercês (Matriz e Nova Matriz), Santa Teresinha (Boa Vista), Nossa Senhora de Fátima (Bananal), Nossa Senhora Aparecida (Cajengá), São José Operário (Germinal), São Judas Tadeu (Manteiga e Capoeirão), São José (Serra de Baixo), Santa Rita de Cássia (Rio do Peixe), São Vicente de Paulo (Cruz do Valo), São Pedro (Serra de Cima), São Vicente Férrer (Capão das Flores).

Fonte: SANTIAGO, Marcus Santiago. *A História da Diocese de Oliveira*. 1ª Ed. Belo Horizonte: IOFMG, 2012

PADRE GERALDO POMPEU DE CAMPOS

1916-2016 – CEM ANOS DE NASCIMENTO
1997-2017 – 20 ANOS DE FALECIMENTO

Pe. Geraldo Pompeu de Campos era natural de Carandaí, onde nasceu na Fazenda Matizada, de propriedade familiar, aos 15 de dezembro de 1916, filho de Francisco Pompeu de Campos (“Sêo Chico Pompeu”) e Maria Januária Aquino de Campos. Família de vários irmãos, sendo 3 mais velhos (de um primeiro casamento do pai, que ficara viúvo) e outros 4 do 2º matrimônio. Seus pais eram fazendeiros, de arraigada fé cristã. Prole numerosa, os filhos mais velhos iam deixando a casa paterna, dedicando-se alguns deles a negócios (atividades comerciais). Em 1924, a família mudou-se para Barroso.

Criança, Geraldo cresceu trabalhando na roça, como era de hábito nas fazendas mineiras, desde o amanhecer até o sol posto: a ajuda nas atividades e tarefas corriqueiras, buscar e tanger reses ao pasto, capinas etc. Infância dura, pai enérgico.

O menino Geraldo era magro, esguio corporalmente, porém de temperamento forte, determinante. Personalidade reservada, circunspecta, por vezes sofrida. Levária, vida afora, suas características de mineiridade: o espírito observador, comedido, não precipitação nas decisões, lucidez, firmeza, convergência, o muito ouvir, o pouco falar, colocar as coisas em seu devido tempo e lugar. Sempre tivera propensão para o sacerdócio, faltando-lhe, porém, maiores oportunidades e opções no meio em que residia. Para um menino da roça, algo impensável. Apreciava as festas religiosas, a que eventualmente comparecia, participando das procissões, missas, homilias, o que lhe reforçava o chamado ao sacerdócio. Admirava-se com as manifestações folclóricas como congados, cavalhadas, reisados. Aos 13 anos, seu irmão mais velho Antonio, que era viajante comercial, buscou-o na fazenda dos pais, levando-o/trazendo-o para São Tiago, onde residia juntamente aos demais irmãos José Pompeu e Maria⁽¹⁾ Em São Tiago, ansioso pelos estudos, o já adolescente Geraldo concluiu em três anos a alfabetização e a educação primária, terminando o grupo escolar em 1931.

Por essa época (1931), a paróquia de São Tiago recebia a visita pastoral de D. Antônio dos Santos Cabral, arcebispo de Belo Horizonte⁽²⁾, acompanhado de equipe de sacerdotes, evento em que muito se abordou o tema das vocações sacerdotais. O jovem Geraldo Pompeu viu redobrar suas expectativas e ensejo de ingressar no seminário, sendo encaminhado por sua irmã Maria, que junto ao marido, o médico Dr. José Gaudêncio Neto, eram grandes beneméritos e incentivadores das vocações sacerdotais, à presença do sr. Arcebispo, que, informado de que era oriundo de Carandaí, cidade não jurisdicionada à arquidiocese de Belo Horizonte, dispensou-o. Uma decepção e frustração inomináveis para o jovem Geraldo, que contaria, porém, com a inestimável ajuda de seu irmão Antônio e do dr. José do Nascimento Teixeira (cujo filho Henrique era seminarista salesiano)⁽³⁾ que, após contatos junto à Congregação, conseguiram-lhe uma vaga no seminário de Lavrinhas, Estado de São Paulo. Assim, no dia 22/01/1932, Geraldo, em companhia do clérigo Henrique do Nascimento Teixeira, chegava(m) a Lavrinhas. Bem recebido pelo diretor Pe. André Dell’Oca, teria Geraldo ali, no entanto, nova e dura frustração inicial. Os novatos – meninos ali, oriundos de várias comunidades do País – foram chamados para fazer exame de admissão ao ginásio pelo conselheiro escolar Pe. Valetim Cricco. Este, quando informado da escolaridade de Geraldo – que não estudara em co-



Pe. Geraldo Pompeu de Campos

légio salesiano – também descartou-o sumariamente. Viu-se o jovem Geraldo forçado a realizar, ao longo de todo um ano, o curso de admissão no seminário, ali passando por muitas provações nos primeiros anos de aspirantado. “Mineiro”, “Caipirão” era assim chamado nos tempos colegiais – apelidos que, aparentemente, lhe eram indiferentes – dada a sua sisudez, sua timidez, fruto de sua formação interiorana, a infância penosa e áspera do campo⁽⁴⁾. Era, todavia, dotado de temperamento forte, inteligente, esforçado, logo tornar-se-ia um dos melhores da classe, sendo encaminhado, em 1938, para o noviciado em São Paulo. Tinha ele, 22 anos. Dado o seu “fechadismo”, sofreria muitas incompreensões, por vezes, até mesmo por alguns superiores que subestimaram sua capacidade e potencialidade. Nesse ínterim, passaria ainda por graves provações: Em 1936, já no 4º ano, o último antes de ir para o noviciado, adoeceria seriamente com pneumonia dupla, poucos dias antes das terceiras provas parciais, o tratamento, naqueles tempos, feito com ventosas. Tendo ligeira melhora, foi mandado para casa, onde, no aconchego da família e sob sério tratamento clínico, foi cuidado pelo cunhado, Dr. José Gaudêncio Neto, renomado médico casado com sua irmã Maria, conseguindo se recuperar. Dr. Neto, na prática, o salvou.

Perderia, porém, o ano letivo. Ainda fraco, magro, voltando para o aspirantado, semanas depois, teve uma dolorosa surpresa e decepção. Foi-lhe entregue o boletim: recebera zero em todas as provas. Não lhe deram oportunidade e dignidade, sequer na doença. Desiludido, recorreu às orações, onde se revigoraria, conseguindo sobressair-se nas provas e médias do mês. Um esforço hercúleo, mas insuficiente para conseguir nota em Química. Teria que repetir o ano. O bom senso de Pe. Ladislau Paz, conselheiro escolar, prevaleceria, propondo-lhe fazer normalmente o ano seguinte com dependência (o que a legislação escolar da época consentia), permitindo-lhe cursar o 1º ano de filosofia juntamente com o 5º ano ginásial, conseguindo assim salvar o ano letivo. Em 1937, um novo, pesado golpe: o falecimento da mãe, estando ele longe no seminário, onde curtiria intimamente a dor.

Embora o temperamento introspectivo, “mineiro”, Geraldo aperfeiçoou-se, fortaleceu-se ante os embates da vida. Fez seus votos (noviciado) em 31/01/1939, tendo, por algum tempo, frequentado o estudantado filosófico em Lavrinhas. Em 1941, tornou-se assistente de externato no Liceu Sagrado Coração de Jesus em São Paulo; entre 1942 e 1943, atuou como professor e assistente no Liceu Nossa Senhora Auxiliadora de Campinas. Em 29/02/1944, entrou para o Instituto Teológico Pio XI, no Alto da Lapa, em São Paulo, para a conclusão do estudantado teológico, realizando sua profissão perpétua no dia 06/12/1944. No dia 08/12/1947, pela imposição das mãos de D. Antônio Maria de

Siqueira, bispo auxiliar de São Paulo, recebeu a ordem (ordenação) de presbiterato. Era, enfim, sacerdote salesiano aos 31 anos, coroando seus ideais e sonhos de menino. Muitas paróquias de nossa região (São João del-Rei, São Tiago, Carandaí) efetuaram grandes festas e manifestações de fé e júbilo pelo novo sacerdote. Escolheria ele como lema sacerdotal “Ministrare, sed non ministrari” Mt 20,28 -(Servir e não ser servido). Celebrou sua primeira missa solene no Santuário de São João Bosco em S. João del-Rei, dia 01/01/1948, onde viria a atuar durante 4 anos.



Residência (esquina à esquerda) da família Pompeu de Campos – décadas 1920 – 1930. Posteriormente pertencente ao Sr. Joãozinho Caputo

Em 1951, Pe. Geraldo é transferido para Vitória (ES), onde atuaria em escolas e comunidades como ecônomo, professor assistente, catequista, suprimindo as deficiências humanas de então, ali permanecendo até 1958. Era polivalente, homem de muitos ofícios e habilidades, jamais recusando desafios. Em janeiro de 1959, é nomeado diretor do Ateneu Dom Bosco de Goiânia (GO), onde trabalharia por alguns anos, desenvolvendo considerável trabalho nas áreas de magistério, catequese, ação social e ainda ecônomo de inspetoria.

Em 1964, é nomeado inspetor da Inspeção Salesiana do Nordeste do Brasil, com sede em Recife, função em que permaneceu de 22/01/1964 a 17/11/1969. Dali foi transferido para Campo Grande (MS) assumindo a Inspeção de Mato Grosso. Sempre exerceu suas funções com ponderação, prudência, critérios, acurada análise, sempre ouvindo, aconselhando, mas sem a preocupação de concordar ou agradar a todos, o que sabia ser impossível. Afinal as suas funções de ecônomo inspetorial, com a missão de conduzir as contas da congregação, eram-lhe da mais extrema responsabilidade e seriedade. Participou do XX Capítulo Geral Especial dos Inspectores realizado em Roma, entre junho/1971 a janeiro/1972, viajando por regiões da Europa.

Pe. Geraldo seria vítima de muitas calúnias e infâmias em seu ministério, partidas até mesmo de religiosos, mas sempre optou pelo silêncio, a tudo perdoava, levando em conta as fraquezas humanas. Consciente, clarividente, hospitaleiro, dádivo, atencioso, prestativo, um serviço em prol dos homens e de Deus. Acostumou-se a falar pouco, sempre econômico nas expressões e emoções, num misto de acanhamento e maturidade; a ouvir bem tudo, atento às ordens recebidas, aos serviços determinados. Olhos serenos, enigmáticos, imperscrutáveis. Teria a circunspeção, a prudência, o espírito de solidariedade a acompanhá-lo ao longo de toda a laboriosa existência.

Pe. Geraldo seria reenviado para Vitória, onde atuaria praticamente até o final de sua vida, exercendo, cumulativamente, as funções de ecônomo inspetorial e diretor da casa inspetorial. Homem de vasta cultura, dominando assuntos religiosos, filosóficos, científicos, econômicos, sociológicos, literários, sumamente fiel e dedicado ao ideal educacional e missionário de São João Bosco, Pe. Geraldo era pessoa de profunda observação, apurada introspecção, dotado de memória excepcional. Sábio, ponderado, sereno, sempre de ideias claras, tendo o hábito diuturno da leitura com que enriquecia sobremaneira suas inspiradas pregações e palestras. Profundo estudioso das Sagradas Escrituras e da obra de Dom Bosco, seu conhecimento exegético impressionava a todos. Memória prodigiosa, suas pregações eram atraentes, enriquecedoras, de alto conteúdo doutrinário, a linguagem e pensamento concisos e estilizados. Mantinha-se atualizado principalmente em matérias teológicas e pastorais. Sempre em dia com o noticiário político e econômico, através do manuseio de jornais, revistas, TV.

Caráter forte, postura séria, enérgico, sem, contudo, altear a voz. Era homem de diálogo. Espírito conciliador, desprendido, fraterno, preciso em suas argumentações. O uso da prudência, do tino prático, sempre pontuando e situando bem as questões, o que lhe atraíam o respeito e a admiração dos capitulares. Solidário, amigo, equilibrado, ponderado no trato com as pessoas. Olhar de águia, a planar silenciosamente pelo ambiente. Nada lhe passava despercebido. Sempre tinha uma solução para os problemas, por mais difíceis. Não recu-

sava ou colocava objeções às ordens superiores recebidas. Era sempre encarregado de situações delicadas, dado seus reconhecidos e acatados dotes de inteligência, tino organizacional e prática administrativa. De espírito magnânimo, caritativo, mesmo enfermo, dedicava-se à assistência pessoal aos enfermos, bem como aos alunos, companheiros de sacerdotado e fieis que o procuravam diuturnamente, como conselheiro, guia espiritual, orientador, confessor. A visão precisa para solucionar problemas, dúvidas e questões de qualquer natureza. Um homem, ademais, talhado para administrar, organizar e sanear finanças, tendo prestado inestimáveis serviços à Congregação Salesiana.

Desde 1970, passaria a enfrentar problemas de saúde, em especial de ordem cardíaca, exigindo-lhe permanentes cuidados e árduo tratamento. Assistido por religiosos e amigos, faleceu na UTI do Hospital Biocor, em Belo Horizonte, às 22h do dia 03/06/1997, após uma larga e venturosa existência – como fiel missionário de Dom Bosco – de serviços à sociedade e de amor a Deus. Suas últimas palavras, após se comungar, foram: “Vou para a glória do Pai com Jesus na Eucaristia. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Vou com Jesus para a glória do Pai”. Foram, em suma, 80 anos de vida física, 58 anos de sacerdotado, 19 anos como diretor e 12 anos como ecônomo inspetorial.

ATUAÇÃO DE PE. GERALDO POMPEU DE CAMPOS EM NOSSA REGIÃO:

- 15/12/1916 – Nascimento em Carandaí
- 1924 – residência em Barroso
- 1929 a 1931 – Reside em São Tiago, em companhia de alguns irmãos aqui estabelecidos, onde frequenta o Grupo Escolar “Afonso Pena Júnior” em São Tiago, aí concluindo o curso primário (1931)
- 1936 – tratamento de saúde (pneumonia dupla), em casa, sob os cuidados de sua irmã Maria e do cunhado o dr. José Gaudêncio Neto
- 1937 – falecimento da mãe
- 01/01/1948 – Celebração de sua 1ª missa no Santuário Dom Bosco, em São João Del-Rei, com a presença de representativa comitiva de São Tiago
- De 1948 a 1950, já ordenado, atuou no Colégio Salesiano de São João Del-Rei, nas áreas do curso científico e de filosofia.
- 1951 – prefeito do Colégio São João em S. João Del-Rei (Fonte: Antonio Gaio Sobrinho – “História da Educação em São João Del-Rei” p. 139).

NOTAS

(1) Além de Antonio, que era representante comercial, residiam então em São Tiago, o irmão José Pompeu (casado, em 1ªs núpcias com a sra. Hermínia Gaudêncio e após enviuvar-se com a sra. Helena, tendo deste novo consórcio a filha Maria Hermínia) e a irmã Maria (casada com o dr. José Gaudêncio Neto, médico).

(2) Sobre visitas pastorais a São Tiago, ver matéria em nosso boletim nº LXXIII - outubro/2013.

(3) O industrial José do Nascimento Teixeira foi prefeito de São João del-Rei entre 1930 a 1936, sendo muito bem relacionado com os salesianos. Amigo da família Pompeu de Campos, intercedeu junto à Congregação Salesiana para a obtenção de vaga para o jovem Geraldo no Seminário de Lavrinhas, SP.

(4) Em Lavrinhas, além dos estudos realizados, Geraldo, como era próprio da Instituição e dos internatos de então, desenvolvia atividades braçais, próprias de todo aspirante trabalhador: cortar e picar lenha, lavar roupa, ajudar na cozinha, limpeza etc.

(Fonte: Inspeção São João Bosco – Belo Horizonte).

SOFISMA E SOFISTICAÇÃO

I Era freguês esporádico, aparecendo casualmente no bar do João Aleluia, na praça central. Proprietário rural para os lados do Rio Jacaré, pessoa conhecida na cidade, talhe esguio, educado, de refinado trato, pausado, apurado no falar, linguagem sóbria, chegando às vias da afetação, do exagero. O pessoal dizia:- Ele sofisma muito pra falar!

Certa vez, numa de suas assíduas idas ao bar, dirige-se ao balcão, percorre longa, atentamente os olhos pela vitrine, fixando-os sobre o mostruário de doces. Ali, inúmeras variedades de guloseimas, doces de coco, de amendoim, leite, abóbora, arroz doce, batata, alguns em barra, outros pastosos ou em calda, acondicionados em boiões e terrinas, a aguçarem os olhos e paladar dos fregueses. Pergunta ao atendente, apontando para um dos ângulos da vitrine:

- Quanto é esse doce de leite?

Era daqueles doces grandes, vistosos, fabricação caseira, de tamanho e peso consideráveis, que valiam quase que por um lanche

- Cinquenta centavos o pedaço...

- Ah, sim... sim...

Enquanto levava a mão ao rosto, alisando os ralos fios de barba, toca ligeiramente os bolsos, complementa: - Um momento... o moço não leve a mal... É que ainda não decidi quantos levar!...

Faz um rodopio amplo, circular por todo o recinto, afasta-se, segue em direção à porta, dali ganhando lenta, altivamente a rua. Retorna daí a tempos, duas ou três horas após. Cerimoniosamente, como era de seu hábito, abeira-se, de novo, do balcão e pergunta ao funcionário:

- O doce de leite, quanto é mesmo?!

- Cinquenta centavos..., esclarece o diligente balconista, uma vez mais.

- Você, então, por favor, dê-me um... Aquele ali...

Munido de um pegador, o atendente retira o doce, a fim de entregá-lo ao freguês. Este não se mexeu, permanecendo imóvel, o doce ali no ar, seguro pelo funcionário, à espera de que fosse apanhado do outro lado do balcão. Disse, então, ao balconista, atônito:

- Você não tem aí papel, daqueles de presente, para que se possa embrulhar o doce?!

O caixeiro dirigiu-se à prateleira próxima onde tinha papel para situações semelhantes.

- E traga-me também fitilho, de preferência colorido... Se não tiver, barbante mesmo serve, completou o freguês.

Papel e fitilho na mão, retornou o caixeiro, entregando-os ao excêntrico freguês que, pacientemente, ritualisticamente, embrulhou o doce, amarrando-o, a seguir, com a fita, finalizando com ataviado, artístico laço. O espanto do funcionário, demais clientes e circunstâncias que acompanhavam a cena, ainda não havia terminado. Enganados achavam-se todos, julgando que o freguês iria levar o doce, ali esmeradamente embrulhado, para casa ou destiná-lo a alguém em especial, a título de presente.

- O distinto moço poderia agora arrumar-me um prato e talheres...

Atendido de pronto pelo funcionário. Volume de doce à mão, achegou-se a uma das várias mesas do bar, sentou-se com toda etiqueta, sem antes proceder ele mesmo, de posse de um guardanapo de papel, a uma assepsia ampla do toalhado, das laterais da mesa e cadeiras. Desvestiu cuidadosamente o doce, apondo-o sobre o prato, faca e garfo em ação, partindo-o em pequenos pedaços ou talhadas, levando-os lenta e deleitosamente à boca, sorvendo-os em prolongado deguste, como se estivesse no cenáculo, a compartilhar da divina ceia ou no olimpo a mastigar, triunfalmente, um manjar dos deuses.

Encerrado o ágape, pagou o doce, dirigindo-se com donaire, imponência, à rua, ante o pasmo e olhares esbugalhados dos presentes.



II

Deste mesmo cidadão, narra-se um fato igualmente pitoresco, quem sabe – para se aproveitar a rima - picaresco, burlesco. Adentra ele, certa tarde, a conhecida loja de armarinhos do sr. Joãozinho Lara, que funcionou, por décadas, nas proximidades do prédio do Comitê (Edifício Octávio Leal Pacheco). Joãozinho era um comerciante especializado em fazendas, tecidos em geral, profissional a que se dava, em tempos idos, o nome de fanqueiro.

Após os mesurados cumprimentos, informa-se, de forma gentil, extremamente polida, circunspecto, que tipos de fazendas (panos) o proprietário dispunha no estoque da loja.

- Tecidos para enxoval de cama, esclarece o imponente freguês.

Joãozinho, com sua contumaz cortesia, empresário arguto e experiente, enumera as dezenas de peças que poderiam servir e atender plenamente o gosto, as necessidades do freguês. Prateleiras ali cheias, do chão ao teto, rotundas de panos, tecidos dos mais variados padrões, cores, texturas, estampas, qualidade. Morim, algodão, linho, cambraia, tergal, cetim, casimira... Um espetáculo sedoso, caricioso de encantar olhos, o tato!

Solícito, Joãozinho desce algumas peças a que o freguês olha, manuseia, parece se desinteressar, silencia. Aponta este, contudo, alguns outros lotes de tecidos nas prateleiras, já mais altas, a que o dono, utilizando-se de escadas, os degraus cada vez mais íngremes, desce com toda presteza. O freguês, após tatear os panos, dá sinais de que não agradou, passando a indicar mais e mais peças, prateleiras acima, já encostando o teto. Assim, volumes e volumes vão descendo, os minutos, os quartos de hora passando, Joãozinho naquela maratona infundável de subir e descer degraus, pernas já no desagradado. Freguês ali acampado, indeciso, incerto, especulando, indicando peças e mais peças.

Proprietário, a essas alturas, tenso. Um atendimento que passava já de hora, hora e meia, chegaria, dali a pouco, a duas. Boi ronzeiro aquele, que não saía do mato. Outros fregueses à espera, alguns tinham desistido de esperar, negócios perdidos. E o freguês ali aquela conversa comprida, compra irresoluta. Sobre o largo balcão, dezenas e dezenas de fardos, uma montanha de tecidos, abertos e que passaram inutilmente, até então, pela exigente observação, olhar e manuseio do indeciso cliente.

Para perplexidade do comerciante e pessoas presentes, depois de toda aquela serrazina, aquela importunação, o freguês sorri, desconversa, agradece, amarelece, afirmando:

- Ah, vou dar um pulo lá em casa, tomar uma opinião com a patroa... Depois volto!

E ali, para tratar desse assunto – ou de outros - jamais voltou!



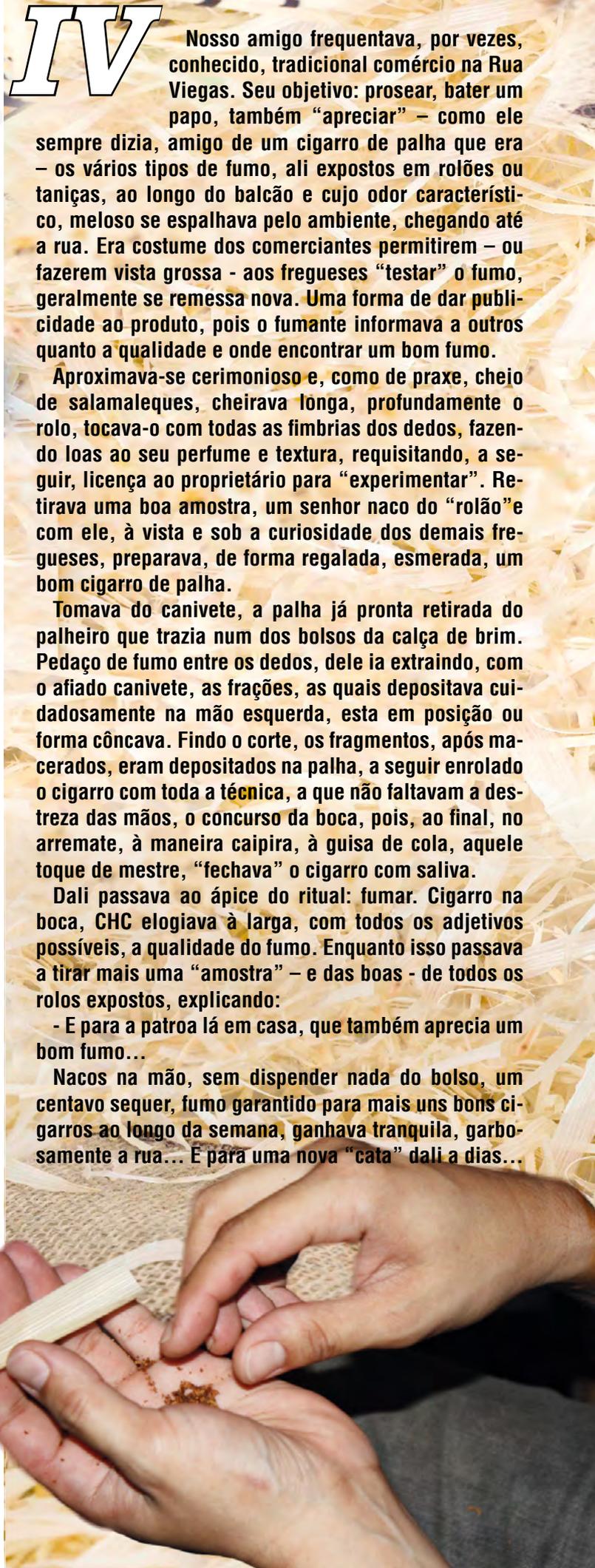
III

Outro “caso” de nosso amigo - CHC, nosso recreativo personagem, tinha fama de “especulador”, “assuntador”, embora excessivamente educado, levando os interlocutores naquela conversa mole, mansa, estirada, espichada, de horas ou, se, desse corda, até de dias... O pessoal denominava de “garrida” as pessoas com muito aparato, “enfeitadas”, e cujo exagero tornavam-nas expostas, depois, à janotice, à caçoadá e motejos. Foi-nos, contado, dessa forma, um outro “causo” envolvendo o sr. CHC.

Um nosso conterrâneo, São Antônio, conduzia, pela mão, uma bicicleta, destinada ao conserto. Guidon emperrado, após uma queda. Encontra-se, casualmente, com o sr. CHC, à porta da oficina. Pede licença. Sequer deu tempo de entrar e conversar com o mecânico, quando é interpelado por nosso refinado personagem, ali à porta:

- Boa tarde, meu senhor. Como é mesmo o seu nome?
- Boa tarde, chamo-me Antônio...
- Folgo muito em conhecê-lo, são Antônio. O que foi com a bicicleta? Ela é sua?
- Sim, a bicicleta é minha... Tá com problema na direção...
- Mas, o que foi que aconteceu, de fato, com ela?
- Uma imperícia minha... Bati com o guidon no passeio, após um desequilíbrio na rua...
- São Antônio, o senhor mora aqui na cidade?
- Sim, moro no Cerrado. Mudei-me recentemente para a cidade...
- Ah, então, o sr. não é da cidade?!... O que o sr. faz aqui?
- Atualmente trabalho a dia, cada hora prum lado... Sou autônomo, como se diz. Tenho ainda um pequeno sítio onde planto umas lavourinhas...
- Lavouras?! Ah, que ótimo, o sr. falou em lavouras... Que alegria, são Antônio! O sr., por acaso, planta feijão lá?
- Planto, sim. Estou com uma gleba de feijão já crescidinha...
- Quer dizer, então, são Antônio, que a sua lavoura de feijão está viçosa, vigorosa?!
- Sim...
- O sr., então, vai colher bastante feijão?!
- Uns cinco a seis sacos, assim espero. A área plantada por mim é pequena. Bem, se São Pedro ajudar!...
- Mas, que ótima notícia o sr. me dá!...
- Por quê?! O sr. gosta muito de feijão?
- Eh... eh... Este ano não plantei feijão no meu terreno... Aliás, esqueci-me de dizer-lhe que também tenho terreno, uma fazenda até extensa e por sinal alugada... Daí eu necessitar, suponho, de comprar bastante feijão...
- Posso lhe arrumar, assim que colher... Quanto de feijão o sr. precisa?
- Olha, São Antonio, acho que, talvez, uns dois a três quilos... Isso é, acaso eu me decidir a lhe comprar... Vamos esperar daqui a uns oito, dez meses, então voltaremos a conversar, isto é, se, porventura, voltarmos a nos encontrar...

Era assim o nosso singular CHC!



IV

Nosso amigo frequentava, por vezes, conhecido, tradicional comércio na Rua Viegas. Seu objetivo: prosear, bater um papo, também “apreciar” – como ele sempre dizia, amigo de um cigarro de palha que era – os vários tipos de fumo, ali expostos em rolões ou taniças, ao longo do balcão e cujo odor característico, meloso se espalhava pelo ambiente, chegando até a rua. Era costume dos comerciantes permitirem – ou fazerem vista grossa - aos fregueses “testar” o fumo, geralmente se remessa nova. Uma forma de dar publicidade ao produto, pois o fumante informava a outros quanto a qualidade e onde encontrar um bom fumo.

Aproximava-se cerimonioso e, como de praxe, cheio de salamaleques, cheirava longa, profundamente o rolo, tocava-o com todas as fimbrias dos dedos, fazendo loas ao seu perfume e textura, requisitando, a seguir, licença ao proprietário para “experimental”. Retirava uma boa amostra, um senhor naco do “rolão” e com ele, à vista e sob a curiosidade dos demais fregueses, preparava, de forma regalada, esmerada, um bom cigarro de palha.

Tomava do canivete, a palha já pronta retirada do palheiro que trazia num dos bolsos da calça de brim. Pedaco de fumo entre os dedos, dele ia extraindo, com o afiado canivete, as frações, as quais depositava cuidadosamente na mão esquerda, esta em posição ou forma côncava. Findo o corte, os fragmentos, após macerados, eram depositados na palha, a seguir enrolado o cigarro com toda a técnica, a que não faltavam a destreza das mãos, o concurso da boca, pois, ao final, no arremate, à maneira caipira, à guisa de cola, aquele toque de mestre, “fechava” o cigarro com saliva.

Dali passava ao ápice do ritual: fumar. Cigarro na boca, CHC elogiava à larga, com todos os adjetivos possíveis, a qualidade do fumo. Enquanto isso passava a tirar mais uma “amostra” – e das boas - de todos os rolos expostos, explicando:

- E para a patroa lá em casa, que também aprecia um bom fumo...

Nacos na mão, sem dispendir nada do bolso, um centavo sequer, fumo garantido para mais uns bons cigarros ao longo da semana, ganhava tranquila, garbosamente a rua... E para uma nova “cata” dali a dias...



Querida Irmã Glorinha,

Você não imagina a grande alegria que estou sentindo, nessa manhã, por estar festejando, juntamente com nossos familiares e amigos, os noventa anos de sua exemplar e profícua existência!

Fomos nós, no limiar de nossas vidas, marcados por uma orfandade em consequência de grave enfermidade que motivou a morte prematura de nossa mãe, ocasião em que, também, a misericórdia de Deus não tardou em vir ao nosso socorro dando-nos uma segunda mãe, D. Glória, que tão bem soube, com seu carinho e dedicação, preencher a ausência daquela que nos deixou na orfandade.

Estou rememorando esse triste episódio de nossa infância, unicamente para enaltecer e agradecer os designios de Deus já tantas vezes manifestados em nossas vidas, como ocorre agora, comigo, aos 89 anos ainda incompletos, de estar aqui e poder abraçá-la e parabenizá-la pelos seus noventa anos!

Parabéns, Maria da Glória, pela missão cumprida e pelo belo exemplo digno de ser seguido por nós, que tanto a amamos e a abençoamos em nome de Deus, nessa linda fase de sua existência.

Do irmão que tanto lhe quer bem.

Antônio Ribeiro Jackson

Antigos tempos e costumes

Mudam-se rapidamente costumes, usos, até valores. E isso em pouco tempo, num piscar de olhos. A vida, até há alguns anos, parecia plácida, remansosa, se comparada à turbulência, à violência dos dias atuais. Basta voltarmos o olhar, a mente ao passado que nos surpreendemos com tantas e tamanhas mudanças de hábitos.

Tempos em que o padeiro – o pão era confeccionado impreterivelmente pela madrugada – passava pela rua, ao amanhecer, a pé ou sobre uma velha bicicleta, distribuindo o pão ainda quentinho recém saído do forno a lenha; a sacola era deixada no parapeito da janela ou na soleira da porta, até mesmo dependurada no portão de entrada, apensa à maçaneta. Ali ficava, intangível, até que os moradores viessem recolhê-la.

Podia-se voltar tarde da noite, no caso de adultos, a sós ou acompanhados, dos bailes, das tertúlias e ainda das serenatas que se estendiam até inícios ou mesmo alta madrugada. Nas serestas de rua, os músicos, quase todos moços, vestiam-se impecavelmente, instrumentos afinados: violão, violino, cavaquinho, bandolim, violoncelo ou contrabaixo, as canções todas ensaiadas. Enquanto os músicos tocavam, outros cantavam sob as janelas, terraços e sacadas das residências. As serestas, aliás, eram o ponto alto das noites interioranas. As moças da casa agraciadas com a serenata, dificilmente, porém, tinham permissão para abrir as janelas, sequer chegar às fachadas, varandas e alpendres. Tempos em que se podia apreciar, à larga, a noite estrelada, aspirando o cheiro inebriante



da dama da noite, das magnólias da praça, (que nossas administrações municipais sacrilegamente derrubaram), sem preocupações de assaltos, porquanto o único medo, então, era de fantasmas, assombrações...

O leiteiro, por sua vez, pela manhã, deixava as garrafas de leite – e que eram de vidro! – na porta das casas ou no nicho das janelas. Ninguém tocava a mão.

Os negócios eram na base da confiança, do fio do bigode, da palavra empenhada, que equivaliam a um compromisso de honra, de pagamento certo, na data avençada. A palavra dada tinha valor de lei e desmoralizava, de vez, a pessoa que não a cumprisse e que passava a ser rotulada de “descarada”, “sacripanta”, perdendo a respeitabilidade pública.

Os filhos chamavam os pais, tios, avós, mestres, pessoas mais velhas de “senhor”, “senhora”, com total respeito e deferência. Aos sacerdotes, bispos e religiosos em geral, tomavam-se-lhes as mãos e beijados reverentemente os anéis episcopais. Os alunos levantavam-se nas salas de aula, à entrada dos professores, recepcionando-os com consideração e apreço. Os professores, aliás, tinham autoridade plena sobre os alunos, inclusive de castigos físicos, e ai dos desobedientes, mandriões!...

Adultos conversavam à mesa; criança não falava, não fazia parte, apenas ouvia, isso quando lhes era permitida a presença na ponta da mesa ou na sala.

Os recreios escolares eram separados. Nas salas de aula, as meninas ficavam nos bancos da frente. Nas igrejas, havia alas distintas: uma para os homens, outra para as mulheres.

As visitas às casas de parentes eram, por sua vez, cerimoniosas, com recomendações especiais, reiteradas às crianças quanto ao bom comportamento. Contavam-se ali casos, o café com quitandas servido fartamente, assuntos sobre a família, saúde, o tempo. Quando se tricotava a vida alheia, os fuxicos, fofocas, o que ocorria à larga, isso era longe dos ouvidos das crianças. Havia para os jovens o horário máximo para se chegar em casa, o recolhimento se dava até as 10 horas da noite. Para os desobedientes, eram reservadas as famosas “descomposturas” ou “respes” e mesmo alguma penalidade...

Muita criatividade, muita arte postas nos eventos de lazer. Festas agradáveis, nos salões ou residências, onde se realizavam tertúlias, saraus, bailes. As mulheres bem vestidas, de chapéu de organdi, luvas. Dançava-se polca, mazurca, habanera, guarânia, valsa, as músicas ao vivo tocadas por orquestras de câmara, geralmente composta por músicos da própria comunidade. Bailes à luz de lampiões, lamparinas. Com a luz elétrica, surgiram os gramofones. Brincadeiras como as dos buquês confeccionados com todo primor e que eram arrematados por pares de dançarinos. Quando se tinha – sobrava – um só buquê, o arrematante tinha que dançar sozinho...



VIGILÂNCIA NAS ATITUDES

Sabe-se que as atitudes das pessoas são fundamentais na constituição da cultura, na fixação de valores, na consolidação da ética. Assim, a nossa constante postura quanto à integridade, responsabilidade, pontualidade, disciplina, respeito às leis, regulamentos. O acatamento aos direitos do semelhante, aos ditames coletivos. Perseverança, o amor ao trabalho, o desejo da superação, poupança, parcimônia, investimentos em si, na família, na sociedade, na humanidade. A crença no progresso e no bem estar social.

Há muitos e plenos espaços para o desenvolvimento de valores, talentos, dons. O poder e a capacidade de crescimento, implícitos em nós, que nos são franqueados gratuitamente pela Divindade. A emissão de comando de paz, harmonia interna, prosperidade, gratidão. A materialização do bem. O navegar o rio da fortuna, o avivar o fogo da crença.

Somos, muitas vezes, condicionados por fragilidades, processos viciados de comportamento. O levar vantagem em tudo, o ver algo errado e não se posicionar (os famosos e perniciosos jargões “deixa prá lá”, “não é comigo”). O péssimo hábito da intriga, da inveja, de apostar no pior, em especial para aqueles que não nos são simpáticos. Cabe-nos lembrar sempre quanto à nossa responsabilidade pessoal, social e espiritual, no exemplo dado, exigindo-nos vigilância, ponderação, tolerância nas atitudes. Tudo que usamos, manuseamos, sob quaisquer formas, pertencem à Criação Divina, patrimônio que nos é concedido provisoriamente e de que seremos convocados a prestar contas, a qualquer instante. A vida é uma bênção, um roteiro para nosso crescimento principalmente ético-espiritual e assim deve ser exaltada, nos mínimos detalhes, a cada e qualquer minuto.



ENDO G A M I A

Aspectos da Sociedade Colonial-Imperial

Os casamentos eram, na verdade, negócios, alianças entre grupos familiares que permutavam interesses – e se fortaleciam – dentro do contexto social, político, econômico do Brasil colonial e imperial. As filhas, através do dote e da decisão paterna na escolha dos genros, serviam de instrumento, objeto para a manutenção de fortunas ou ascensão sócio-econômica familiar. Assim, a tática dos proprietários de terras casarem suas filhas com comerciantes ou negociantes portugueses lhes interessavam, lhes davam acesso ao mundo comercial (circulação de mercadorias) e o financiamento da produção. Para os comerciantes portugueses, a união lhes propiciava, além do prestígio social, acesso à terra trabalhada, ao conhecimento da tecnologia manufatureira, com escravos especializados, em especial, na produção de açúcar e café, objetos de seus negócios mercantis.

A preferência por uma endogamia social e geográfica nos matrimônios era fruto de uma estratégia voltada para a promoção da concentração de renda, da terra e do poder. É o que analisa/conclui o pesquisador Carlos de Almeida Prado Bacellar em “Os senhores da terra – família e sistema sucessório de engenhos do oeste paulista – 1765-1855” (Campinas, CMU/UNICAMP, 1997, pág. 111). As uniões endogâmicas, especialmente entre a elite rural, objetivavam o fortalecimento da riqueza familiar, a não evasão de bens e terras, a manutenção, reprodução e ampliação do poderio dos senhores rurais. Consolidavam-se assim as fortunas, com o acúmulo e concentração de latifúndios, a utilização de mão de obra escrava, suprindo-se, muitas vezes, de membros familiares logisticamente capacitados e em número reprodutivo compatível para a gestão e expansão dos negócios, sabendo que as famílias compunham, então, mormente a partir do século XIX, a instituição social mais influente e organizada no povoamento e expansão econômica da província mineira.

Os processos e estratégias econômicas – extração de ouro, produção agrícola, comércio – achavam-se, pois, conectados a grupos ou redes familiares, no intuito de manutenção e acumulação de fortunas e ainda a ampliação do poder político e ascensão social. Desde o período colonial, as alianças matrimoniais foram fundamentais para a formação de povoadamentos, a expansão agropastoril, merecendo ênfase a união de homens lusos com mulheres/herdeiras da aristocracia rural local, algo largamente encontrado em nosso meio (Comarca do Rio das Mortes)

As alianças exogâmicas, por outro lado, se davam geralmente com membros da elite rural (de elevado conceito e status social, político e econômico) e com comerciantes portugueses, detentores de técnicas de negócios, o que fortalecia as relações entre a produção agrícola e as redes mercantis (comercialização), época, em especial a partir do séc. XIX, em que a economia evoluiu do estágio de produção para o consumo (atendimento de gêneros alimentícios aos núcleos urbanos e à Corte)

Minas, em particular a Comarca do Rio das Mortes, dada a proximidade com o litoral – leia-se Rio de Janeiro – sempre demonstrou vitalidade e sustentabilidade agrícola-mercantil voltada para o abastecimento interno, face a exaustão dos veios auríferos. Tornar-se-ia a Comarca, malgrado a decadência das minas, um grande polo produtivo-mercantil de alimentos. Sua população cresceria, sobremaneira. Já em 1820, concentrava quase 50% da população da Capitania mineira, da mesma forma que ampliava e diversificava consideravelmente os nichos da produção agropecuária (arroz, milho, feijão, mandioca, café, fumo, bovinos, suínos, bem como produtos deles resultantes – farinha, açúcar, banha, cachaça etc.) voltadas para o abastecimento provincial e Rio de Janeiro (Corte). Os engenhos tornaram-se um substancial e inovador instrumento de propulsão econômica das propriedades rurais com a produção/fornecimento de açúcar, rapadura, melado, cachaça, envolvendo mão de obra cativa, animais de tração ou ainda maquinários. Pesquisas comprovam que apenas 1/3 da economia mineira dependia da mineração e eram raras as fazendas que se dedicavam unicamente ao minério. A Província mineira detinha o maior número de escravos no Brasil Imperial.



O estudo, ainda que por curiosidade, sobre Minas Gerais do passado é gratificante, quando não de perplexidade. Percebemos que os tempos vividos por nossos antepassados, em especial à época das minerações, foi muito árduo, quando não terrificante. Viveram uma espécie de feudo-clericalismo, açoitados pelo poder temporal (governo colonial) e o poder clerical, que, de espiritual, pouco tinha. Acima desses dois poderes, um outro leviatã, um inimigo ainda mais aterrador: a Inquisição. Sufocante, sobre todos os aspectos, para moradores e famílias comuns a ingerência estatal e clerical em suas existências. Assim, vigiados, espreitados cotidianamente por homens e sistemas poderosos, ambiciosos, moralistas, valiam-se nossos ancestrais, quando possível, de comportamentos e atitudes que fugiam, por vezes, à padronização, ao conservadorismo e ao anacronismo vigentes.

Numa sociedade rarefeita de mulheres brancas e de obsessão pela ocupação demográfico-territorial, a incidência de práticas extraconjugais, amasiamentos, dissimulações relacionais, as ditas uniões ilegítimas configuravam uma forma de resistência ou tentativas de superação, ainda que conflituosas, ante as rígidas prescrições canônico-tridentinas e as incriminações eclesiásticas. Na verdade, eram uniões consensuais, livres, recorrentes sob a ótica cristã (com o batizado de filhos, frequência a missas e sacramentos), embora não validadas e/ou reprimidas rigidamente pelos visitantes eclesiásticos.

Em meio à intolerância, às sindicâncias, devassas clericais, a família mineira se afirmou pela solidariedade, mutualidade, por ritos de preservação (compadresco). Artesãos, mineradores, escravos, tropeiros, pequenos comerciantes e agricultores, homens e mulheres sem eira nem beira costuraram, desde os primórdios da colonização, com sua fortaleza, uma sociedade avessa ao autoritarismo, ao denunciamento, na prática um choque entre a cultura popular, inquieta, e a cultura erudita, patriarcal que atuava através de mecanismos autoritários, tanto políticos quanto religiosos, enxergando heresias por toda parte, perseguindo, criminalizando, execrando quem não se coadunava com os padrões sociais, morais, espirituais, interpretativos convencionados e impostos pelo pensamento eurocêntrico.

Nota-se que, ao lado da família típica colonial e inquisitorial, como as elites rurais patriarcais, coexistiam engrenagens familiares ou conjugais tidas como espúrias, transculturais (influências negra e indígena), mas de atuação cotidiana, consistente, enraizada, instrumentalizada, que, na visão religiosa e institucional colonial evidenciavam coabitação extraconjugual, adultério, mesmo incesto, portanto passíveis de rigorosa punição.

O poder público e sua responsabilidade legal-constitucional quanto as manifestações culturais do município

É de plena responsabilidade da Administração Pública o incentivo, a articulação, a difusão, o desenvolvimento de políticas que incrementem e preservem as manifestações culturais da comunidade, o que envolve, em linhas sucintas, conforme exposto na Lei Orgânica do Município:

- Criação e manutenção de núcleos culturais e espaços públicos equipados para a formação e difusão das expressões artístico-culturais
- Criação e manutenção de museus e arquivos públicos
- Adoção de medidas pertinentes à identificação, proteção, valorização, preservação, recuperação do patrimônio artístico, cultural, natural, histórico e científico do Município
- Estímulo às atividades de caráter artístico-cultural, notadamente as de cunho local, folclórico, em conjunto/partceria com a comunidade

O Patrimônio Cultural Municipal é, nos termos da LOM, art. 164, constituído por bens de natureza material e imaterial, individualizado ou em conjunto, que contenham referências à identidade, ação e memória dos diferentes grupos formadores da sociedade local, incluindo:

- Formas de expressão
- Modos de criar, fazer e viver
- Criações artísticas, tecnológicas e científicas
- Obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas e culturais da Comunidade

O art. 165, em seu § único, estabelece/determina um Plano permanente legal de proteção do patrimônio cultural do Município, notadamente dos núcleos mais significativos, o que implica obviamente em um inventário de todos os bens culturais locais.

É dever, portanto, da Municipalidade, pelos seus administradores e legisladores, implantar um processo efetivo, visível de dinamização da cultura, mesmo porque isso gera resultados econômicos e desenvolvimento para a comunidade. A alegação de que ONGs e entidades assistenciais, culturais e similares tem que “caminhar com as próprias pernas” é inconsistente, cômoda, pois não tem elas fins lucrativos e são elas, por outro lado, colaboradoras/parceiras eficientes da administração pública. Um contrassenso administrar sem respaldo da sociedade ou trabalhar apenas com instituições ligadas partidariamente ou sabe-se com que interesses. Cabe, pois, à gestão pública não só apoiar amplamente as existentes, mas igualmente incentivar novas organizações, fortalecendo-se a base social comunitária.

Outro aspecto essencial: numa democracia, todo cidadão deveria ser inteirado, convidado a compartilhar dos projetos, propostas e atos de governantes e representantes. Questão não só de interesse público, mas de transparência, de representatividade, de legitimação, de respeito ao contribuinte, geralmente espoliado e desprezado, que sustenta o Poder Público.

FÁBULA A galinha e o trigo



Uma galinha encontra sementes de trigo no quintal. Munida de ferramenta, sementes acondicionadas no bernal, convida os vizinhos para plantar. Informa a todos: - A estação está propícia. Se plantarmos trigo, teremos pão em nossas mesas. Quem vai me ajudar ?

- Eu não, disse a vaca. Tenho compromissos inadmissíveis.

- Nem eu, completou o pato. A lagoa ali adiante está muito convidativa, à minha espera...

- Muito menos eu, grunhiu o porco

- Também não conte comigo, alegou o ganso. Tenho reuniões no sindicato da classe. Estamos planejando uma greve geral...

- Sendo assim, eu mesma planto, afirmou decisiva a galinha. Dirigiu-se ao campo e plantou. As chuvas foram benéficas. O trigo germinou bem, amadureceu em grãos saudios, os cachos dourados oscilando ao sol e aos ventos da encosta.

Era aquele reino dominado por um “dono”, intitulado “Estado”, “Governo”, que se arrogava senhor de tudo e de todos. Praticamente invisível, mas onipotente, abusivo, improdutivo, fazia-se representar por “agentes da lei”, “autoridades”, “dignatários” e tantas outras terminologias arrogantes. Sua especialidade: cobrar impostos, os mais extravagantes métodos, a fim de sustentar a faustosa corte e séquitos de privilegiados.

- Quem vai me ajudar a colher o trigo ? perguntou a galinha aos seus atarefados, folgados vizinhos.

- Eu não, disse o pato

- Também não posso, ruminou a vaca

- Não faz parte de minhas atribuições, exclamou o porco

- Não ajudo, porque estou “encostado” e se trabalhar perderei o seguro desemprego, esclareceu o ganso

- Então, eu mesma colho, falou a galinha. Foi até o campo, colheu o trigo, recolhendo-o à sua despesa.

Isso feito, a galinha convocou novamente os vizinhos.

- Agora, chegou o momento de preparar o pão. Quem vai me ajudar a assar o pão? indagou

- Só se me pagarem hora extra, informou a vaca.

- Não posso, porque estou usufruindo de auxílio doença, explicou o pato.

- Também não posso, retornou o ganso.

- Ó galinha chata! Para com essa insistência, gritou enraivecida o porco. Posso processá-la por assédio moral. Para isso, temos eficientes tribunais.

- Então, eu mesma preparo a massa e asso os pães, falou a laboriosa galinha.

Pães prontos, fumegantes, em torno de dez, ali na cesta, todos queriam comê-los. A galinha justificou-se: - Os pães são meus. Todo o trabalho foi unicamente meu.

- Acumulação indevida! Lucros excessivos! Gritou a vaca.

- Sanguessuga execrável! O direito à alimentação é de todos, proclamou, com veemência, o pato.

- Abuso inominável! Autoritarismo!, bradou o ganso.

O porco sequer se conteve. Além de impropérios impubescíveis à galinha, criou um movimento de rua com cartazes onde se lia “injustiça”, “discriminação”, “abaixo a burguesia”.

Confusão instalada, logo apareceram os agentes do dono, o tal “governo”. A galinha é notificada e intimada a comparecer a uma autarquia, ambiente solene, de agentes sofisticados, onde é acusada de egoísmo, concentração de comida, sonegação, crimes abomináveis contra a economia popular e o Estado.

- Mas eu ganhei o pão com o meu próprio e único suor: preparei o solo, plantei, cuidei, colhi tudo sozinha..., afirmava, em vão, a operosa galinha.

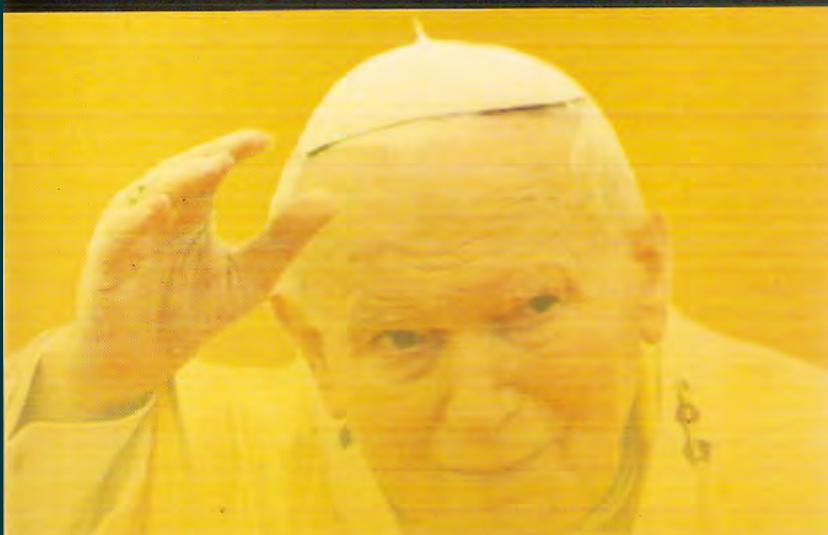
- Exatamente, por isso, disse o poderoso representante da lei. Neste país, os mais produtivos tem que dividir o fruto de seu trabalho com os que não fazem nada, inclusive, a maior parte cabe ao senhor destes domínios, o Estado, a quem devemos toda obediência e reverência. Daí a senhora estar condenada a repartir a produção e a recolher impostos sobre os pães, sob pena de drásticas providências “legais”, até mesmo prisão.

A galinha engoliu em seco e se calou, não só ali na repartição, mas de uma vez por todas. Dos dez pães, dois foram para o tal Governo como pagamento de impostos e os restantes foram divididos em fatias e distribuídos em partes iguais à bicharada. A galinha contentou-se com os farelos.

Os vizinhos perguntam, até hoje, perplexos, por que, desde aquele fato, a galinha nunca mais fez absolutamente nada. Naquele país, iniciativa, criatividade, competência, o suor alheio eram para ser “depenados”.

Paulo Henrique Garcia

HOMENS QUE MARCARAM O TEMPO



PROPÓSITO

Quem diria que Cônego Heitor renderia um livro. Mas é bem verdade que o projeto se instalou e foi bem mais alto que a dimensão social pudesse vislumbrar no patamar de seus desígnios.

É bem provável que alguém nem o conheça e que jamais tenha ouvido suas histórias, seus trabalhos, sua imagem. Ele foi e será por todos os conterrâneos de sua terra de origem e em seu solo de missão (Nazareno/MG) um grande marco, ou seja, um obstinado da fé, vivente da paz e pregador da justiça.

Aqueles que nunca ouviram falar seu nome, ressaltado como o já havia feito no início do parágrafo anterior, leiam este livro não com os olhos. Se você é o leitor que pertence ao grupo dos que começam pelo propósito, permita-me dar um conselho: leia-o sem pressa, leia-o sem sentir medo do que a leitura é capaz de inferir em páginas indeterminadas, leia-o com a garantia de procura, de silêncio, de amor, de honra e de justiça no qual conferirá o rejuvenescimento espiritual mais sublime dos fatos.

Frisando, leia-o sem curiosidade instantânea que se aprecia em co-dividir e se intrometer na vida alheia.

Trata-se de partículas que respondem a perguntas arcaicas e contemporâneas que o limite e o fluxo não derivaram de responder, cabendo à própria biografia requisitar seus anseios frenéticos.

São fragmentos de vida, de dificuldades, de alegrias, de intimidades guardadas em mentes "ocultas", que até então, levou de junto de nós para bem perto do Senhor. Outras que o esquecimento fez retardar em lentidão seus segredos e nos contar um dos muitos feitos que hoje se divulgam e se questionam com a razão.

Razão essa que evadiu tratando assuntos bem questionados, tratando de glórias deles e de uma ocasião de graças pelo dom da vocação.

Vocação esta que não é só chamado de Deus, convite ou eleição de Deus, mas sim uma sólida decisão fundamentada nos alicerces concre-

7

tos da natureza humano-divina. O termo vocação nos impele a ceifar a messe, porque até então não sendo ceifada competirá com audácia uma perda irreversível, por isso os "ceifadores terrenos" tiveram, têm e terão sempre assíduos a lida da farta messe, que com a permissão de Deus não faltará operários para sua apostólica missão.

Missão essa de evangelizar, convergindo o homem a desfazer de suas manias e por-se em ação à missão que o espera.

Qual será a missão do cristão?

Ser pescadores de homens.

Como poderão ir ao encontro dos seus?

Já houve mais de uma tentativa de resposta a estas urgentes questões dos séculos XX e XXI.

Como Carlos Afonso Schmitt ressaltou em seu livro: *"a paz que você procura"* em um trecho dizendo que a guerra começou.

O amor resolveu exterminar o egoísmo. Precisamos reforçar nossas fileiras. Você está convocado para a luta.

Assim sendo caros amigos, vamos avante, sem receio do que nos espera, pois não há nada de novo sob o sol.

E que Deus nos ajude a bem compreender o seu precioso mistério.

Com veemência filial peço ajuda de Deus e Nossa Senhora para oferecer a todos os seus admiradores uma pesquisa coerente, baseada numa análise séria, bastante esboçada nos critérios exigidos sobre a vocação e os testemunhos que há tempos venho acumulando.

8